



# Sistema de poda safra zero - Muitas vantagens, técnicas e econômicas, na lavoura cafeeira

J.B. Matiello – Eng Agr. Fundação Procafé

A poda de esqueletamento em cafeeiros, que leva a zerar a safra baixa, permitindo ter uma safra alta e mais econômica a cada 2 anos, com certeza, é a forma mais racional para alcançar maior competitividade e, mesmo, a própria sobrevivência da cafeicultura, principalmente naquela de montanha, mas, também, na cafeicultura mecanizada. Com ela se consegue, através do corte dos ramos produtivos ou laterais, acoplado ao corte mais alto do tronco, programar a safra.

## Vantagens na montanha

A cafeicultura de montanha no Brasil é composta por cerca de 700 mil ha de cafezais, cultivados em áreas de topografia acidentada, onde a mecanização normal é impraticável. Com isso, os tratos realizados, em sua maior parte, de forma manual, vêm exigindo o uso de mão-de-obra em grande quantidade, onerando os custos de produção.

Várias práticas alternativas têm procurado facilitar os tratos culturais e a colheita nas lavouras de café de montanha. A abertura de micro-terraços nas ruas do cafezal e o emprego de derriçadoras motorizadas, de operação manual, são exemplos de evoluções importantes na adaptação do terreno e no maquinário. A adaptação na lavoura, entretanto, é a prática que consideramos essencial para dar base para toda economia na lavoura. Como o principal fator de uso de mão de obra e, conseqüentemente, na elevação dos custos, é o trabalho com a colheita e conhecendo que essa operação é mais cara em cafeeiros, a maneira de reduzir custos, como temos visto, nas pesquisas e na prática dos cafeicultores, é concentrar a safra a cada 2 anos.

O adensamento das lavouras de café, com uso de maior número de plantas por área, se mostra adequado, para áreas montanhosas, permitindo obter maiores produtividades, com exploração intensiva,

permitindo menor uso de mão-de-obra e custos de produção mais baixos. Porém, com o passar dos anos, o adensamento leva ao fechamento dos cafeeiros, que além de reduzir a produção dificulta os tratos e a colheita.

O manejo de podas em cafezais adensados tem sido a maneira de re-adequar lavouras fechadas, sendo que o tipo mais usado, especialmente pelos pequenos cafeicultores de montanha, tem sido a recepa, uma poda drástica, que leva a perdas de produção por 2 anos. O esqueletamento seria uma opção com menor perda e, existe, ainda, nos últimos anos, a alternativa de conduzir a lavoura fechada, aplicando uma desrrama de saia para facilitar os tratos com livre trânsito abaixo da copa dos cafeeiros.

Foi conduzido um ensaio, no período 2015-17, na FEX Varginha, em lavoura da variedade Catucaí amarelo, com 8 anos de idade, espaçamento de 1,80 x 0,80m, a qual produziu



uma safra alta em 2015, condição onde foram aplicadas podas em seguida(set/15).

Os 4 tratamentos ensaiados foram - (1) testemunha, onde a lavoura não foi podada, (2) esqueletamento total das plantas, onde foram cortados os ramos plagiotrópicos a uma distância de 30 cm do tronco e realizado um decote destas plantas a 1,70 m de altura, (3) esqueletamento da saia do cafeeiro, onde o corte dos ramos plagiotrópicos foi realizado somente na metade inferior das plantas deixando o topo das plantas sem cortar e o tratamento (4) chamado de desrrama da saia, onde foram arrancados os ramos plagiotrópicos da metade inferior destas plantas, deixando o tronco livre na parte baixa. Foram obtidos resultados do 1º ciclo, com 2 safras úteis, prevendo-se condução por mais outro ciclo.

As produtividades de café nas duas 1ªs estão colocados na tabela 1. Pode-se verificar que na média das 2 safras, houve superioridade para a poda de esqueletamento e para a desrrama com 31-42 sacas/ha, ficando os demais tipos de tratamento em nível igualmente inferior, com 18- 23 scs/ha. Nas safras isoladas, verifica-se que na 1ª o esqueletamento zerou a safra, o que é desejado, pois reduz gastos com colheita de pouco café nas plantas. Também, nessa safra, a desrrama de saia, com a eliminação/corte dos ramos laterais junto ao tronco (trat.3) ou seu corte mais longe (trat.4), não influenciaram na produção da ramagem acima, do topo das plantas. Na 2ª safra houve pequena melhoria, não significativa, onde houve desrrama da saia e o esqueletamento dos ramos da saia. Já, no esqueletamento total da planta a produtividade foi muito alta.

Com base nos resultados obtidos concluiu-se que – 1- O esqueletamento se mostrou mais adequado, pois representou maior produtividade e redução de custos com uma só colheita

em 2 anos. 2- A desrrama da saia, além de inferior na produtividade, implicou em 2 colheitas de safras menores. 3- O esqueletamento apenas da saia não resultou positivamente.

**Tabela 1. Produtividade em cafeeiros, na 1ª e na 2ª safras e sua média, após a aplicação de diferentes tipos de podas para facilitar a colheita. Varginha-MG, 2017.**

Tratamentos	Produtividade, em sacas por hectare		
	2016	2017	Média
1-Testemunha (sem poda)	26,5 a	10,4 b	18,5 b
2-Esqueletamento total	0,0 b	83,9 a	42,0 a
3-Esqueletamento da saia	22,5 a	25,2 b	23,8 b
4-Desrrama da saia	27,6 a	35,3 b	31,4 a



Vista do tratamento testemunha (sem poda) à esquerda e onde foi feita a desrrama da saia(trat 4) á direita.



Vista do tratamento com esqueletamento (trat 3). Todas as fotos obtidas pós safra de 2017.

## Vantagens em áreas mecanizáveis

Nas áreas mecanizáveis, na cafeicultura de arábica, especialmente nos cerrados, que

ocupam cerca de 1 milhão de hectares com cafezais, apesar do uso extensivo de máquinas de colheita, o que minimizaria custos com essa prática, a vantagem do sistema de poda

safr zero é que se poderia fazer uma colheita com maior vigor no ano da safr, podendo, até, quebrar alguns galhos, pois, vai-se cortá-los na poda em seguida. Pode-se, ainda, aproveitar a própria poda dos ramos para efetuar a colheita dos frutos desses ramos após a poda.

## Economia de insumos

Na condução da área, pós-poda de esqueletamento, existem dúvidas sobre os níveis de adubação a utilizar, considerando que haverá concentração de safr e que o material vegetal podado será reciclado e comporá a fertilidade do solo. Deste modo, na prática, existem indicações variadas, a nível dos manuais e dos técnicos consultores, existindo uma corrente técnica que preconiza, até, uma adubação mais pesada no ano de vegetação e mais leve no ano da produção.

Realizou-se uma pesquisa com o objetivo de agregar resultados, visando racionalizar a adubação em cafeeiros esqueletados, no que refere aos níveis de NK a utilizar, sendo que, na presente etapa, os resultados, iniciais, se aplicam ao ano de vegetação. Foram testadas 10 combinações de níveis de adubação. No primeiro ano, de vegetação avaliou-se o crescimento da ramagem, base para a safr seguinte. Os resultados se encontram na tabela 2.

Pode-se verificar que o número de nós por ramo não mostrou diferenças significativas com a variação do nível de NK, isto mostrando que a reciclagem de nutrientes do material podado deve ter sido suficiente pra suprir a vegetação nova das plantas. Por outro lado, observando-se o número percentual de rosetas que emitiram gemas vegetativas

no lugar de gemas florais, um fator negativo, verifica-se que houve diferenças, com maior emissão nos níveis de NK mais altos, 300 Kg/ha acima.

Pode-se **concluir, preliminarmente, que** - no ano de vegetação ou de safr zero a adu-

bação pode ser reduzida e que a adubação mais alta pode causar efeitos de estímulo de gemas vegetativas, em detrimento das reprodutivas, neste caso sendo prejudicial. A regra a ser adotada deve ser a de aplicar uma adubação de cerca da metade do normal no ano pós-esqueletamento.

Tabela 2- Níveis de NK(K=20% menos do N) usados e resultados da avaliação vegetativa de crescimento dos ramos e de gemas em cafeeiros no 1º ano pós-esqueletamento – Franca-SP, 2018

No	Tratamentos		Nº médio de nós/ramo	% de nós com gemas vegetativas (maio/18)
		Kg/ha de N no ano da vegetação = 1º ano pós poda		
1		0	10,9	6,9 a
2		0	10,3	7,1 a
3		300	10,1	15,3 b
4		450	10,6	15,4 b
5		150	10,8	9,2 a
6		300	10,7	14,9 b
7		150	11,4	9,6 a
8		300	11,4	14,6 b
9		150	10,6	9,5 a



A cafeicultura de montanha ocupa extensas áreas de terrenos com declividades acentuadas, onde a mecanização é impraticável. Nessas regiões o café tem sido a melhor alternativa, pra renda e emprego, nas propriedades.





Zerando a safra com a poda, por esqueletamento, dos ramos laterais (esq), ocorre multiplicação e rápida recuperação da ramagem e concentração de maior produção na safra 2 anos após(dir.).

## Condições adequadas à poda e como fazer

Para o maior sucesso da poda de esqueletamento algumas condições e modos de execução são importantes, destacando-se o stand de plantas por ha, a variedade, a época de poda, a altura e largura do corte e a condução pós-poda.

O stand de plantas, representado pelo espaçamento da lavoura, deve ser bom, com mais de 4-5000 plantas por ha, de forma a dar maior potencial produtivo ao ano de safra alta, para a meta de obter 80-100 sacas/ha neste ano, de forma a se obter uma média de 40-50 scs por há nas 2 safras, incluída uma zerada.

A variedade deve ser vigorosa, para suportar uma re-vegetação completa, necessária em seguida à poda.

A época da poda deve ser o quanto mais cedo possível depois da colheita, possibilitando, com isso maior crescimento nos ramos brotados.

A altura e largura de corte, na poda, devem ser maiores. O corte lateral deve ser a 30-50 cm do tronco, possibilitando maior área de brotação. A altura de corte superior da haste deve ser de 2 m e até mais, isso em espaçamentos mais abertos na rua. Para espaçamento mais adensados pode ser um pouco mais baixa. Em seguida, a condução dos brotos pode ser a livre crescimento nos cafeeiros de variedades de porte baixo e nos de porte alto ou se desbrota ou se aplica um re-corte mecânico de 30-50 cm acima do corte original, cerca de 5-6 meses após corte inicial.

A poda pode ser feita de 2 maneiras principais. Em zonas montanhosas ou em pequenas áreas podem ser usadas podadeiras motorizadas de operação manual, munidas de pente e disco. Nas áreas mecanizáveis existem podadeiras muito eficientes, acopláveis a tratores e que operam com lâminas tipo pente cortante ou com discos rotativos, podendo-se, com alguns equipamento, fazer o corte lateral e o superior simultaneamente. ☺

